

Curso 2017: Os gozos na teoria e na clínica psicanalíticas

Aula 3 (14/9/2017)

Marcus do Rio Teixeira

I - O objeto *a* da mulher

Começamos respondendo à questão que foi colocada no final da aula anterior: onde Lacan fala sobre o objeto *a* da mulher? Há inúmeras ocasiões em que Lacan fala sobre o objeto *a* e diz explicitamente que se trata do objeto do homem, ou é possível perceber isso claramente pelo contexto. Porém, ele é mais parcimonioso quando se trata de falar do objeto *a* da mulher – notem que não dizemos “o objeto *a* na mulher”, pois ao dizer *na* mulher estamos falando do objeto *a* do seu parceiro, que o localiza no corpo dela, a partir do seu (dele) desejo, sem que ela saiba exatamente por quê.

Ainda assim, há pelo menos duas citações famosas. Uma delas na *Nota sobre a criança*, como o editor francês dos *Outros Escritos* intitulou as duas notas manuscritas de Lacan dedicadas a Jenny Aubry.

A criança *realiza* a presença do que Jacques Lacan designa como o objeto *a* na fantasia. Ela sutura, substituindo-se a esse objeto, a modalidade da falta em que se especifica o desejo (da mãe), seja qual for sua estrutura especial: neurótica, perversa ou psicótica.¹

A outra se encontra no *Seminário 22, RSI*:

Um pai só tem direito ao respeito, senão ao amor, se o dito, o dito amor, o dito respeito, estiver – vocês não vão acreditar em suas orelhas – pai-vertidamente [*père-versement*]² orientado, isto é, feito de uma mulher, objeto *a* minúsculo que causa seu desejo, mas isso que essa uma mulher acolhe ao seu modo³, se posso me exprimir assim, não tem nada a ver na questão. Aquilo de que ela se ocupa, são outros objetos *a* minúsculos que são as crianças junto a quem o pai então

¹ LACAN, J. Nota sobre a criança. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 370.

² No original, *Père-versement*, que é homófono a *perversement* (perversamente). Lacan emprega ainda neste trecho *père-version* (pai-versão), homófono a *perversion* (perversão). (N. A.)

³ Em francês, *en petit*, que significa “de uma maneira análoga, mas sem grandeza” (*Petit Robert*). Lacan joga aqui com o *objet petit a* (objeto *a* minúsculo). (N. A.)

intervém, excepcionalmente, no bom caso, para manter na repressão, no justo meio-Deus⁴, se me permitem, a versão que lhe é própria de sua pai-versão [*père-version*].⁵

Estas duas citações lançam uma luz sobre o tema. A primeira, publicada originalmente em 1986 por Jenny Aubry, é de uma clareza extraordinária: nela Lacan expressa a sua tese de forma cristalina, tornando qualquer explicação praticamente redundante. A criança, nessa definição, materializa (Lacan emprega o termo *realiza* – torna real) o objeto da fantasia. Dessa forma, ela tampona a falta da mãe “seja qual for a sua estrutura especial”.

A segunda citação, extraída do *Seminário 22, RSI*, é mais conhecida pela sua referência ao pai, que não comentarei aqui para não nos distanciarmos muito do nosso tema. Chamo a atenção, contudo, para o fato de que nesse trecho da sua aula, Lacan distingue duas formas distintas do objeto *a*, que se definem a partir da posição do sujeito. No caso daquele que está no lugar do pai, o objeto toma a forma da mulher que representa para esse homem a causa do seu desejo; a mulher, enquanto mãe, toma não o seu parceiro, mas as crianças, seus filhos, como seus *as* – na mesma linha da citação anterior, que a antecede em quase dez anos.

A amplitude de aspectos teórico-clínicos levantados nessas citações ultrapassa o limite da nossa análise, mas o que eu gostaria de destacar em ambas é a *dissimetria* concernente ao estatuto do objeto *a* para o homem e a para mulher, ou seja, para os sujeitos que se situam nas diferentes identidades de gozo, como são chamados hoje os dois posicionamentos lógicos ante a função fálica, que ele define neste Seminário: *todo fálico* ou *não-todo fálico*. No caso daquele que se situa na posição masculina, ele localiza o objeto *a* na sua parceira. Ora, o senso comum levaria a supor que a posição feminina seria simétrica, situando o homem como seu objeto *a*. Teríamos assim uma situação dual, especular, na qual os parceiros se situariam imaginariamente um ante o outro, ocupando posições correspondentes, ainda que diferentes, cada um tomando o outro como seu objeto *a*.

Porém, a teoria de Lacan não segue o senso comum. Ela situa o objeto *a* da mulher no filho que vem obturar a sua falta, e não na sua relação com seu parceiro, anulando assim a ideia de simetria entre os seres sexuais. O que uma mulher busca no seu parceiro não é o objeto *a*, mas o falo. Isto deixa claro que, para Lacan, não se trata de uma relação meramente imaginária, onde os parceiros exerceriam “papeis”, no sentido sociológico, ou assumiriam “gêneros”, como está em voga se dizer.

⁴ No original, *mi-Dieu*, que soa como *mit-dit eux* (“eles semi-ditos” ou “eles meio-ditos”). (N. A.)

⁵ LACAN, J. *Le Séminaire, Livre 22, RSI*. [1974-1975] Paris: Éditions de l'Association Lacanienne Internationale, [19_]. Édition hors commerce. Aula de 21/01/ [Tradução minha para o trecho citado]

Nesse sentido é importante distinguir a teoria lacaniana da sexuação, que tem como referência a função fálica, das teorias baseadas na noção de gênero.

Acerca desta noção, cabe lembrar como Judith Butler a define:

O gênero não deve ser construído como uma unidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero.⁶

Comentei em outro lugar⁷ o quanto esta conceituação de uma identidade performativa, fluida, impermanente, constituída pela repetição de gestos, condutas, etc., se aproxima da noção de semblante [*semblant*], que para Lacan diz respeito ao imaginário, e não das identidades de gozo, tais como são definidas neste Seminário. Retorno a este tema para frisar um sério problema: a confusão teórica entre as teses de Lacan e Butler, que por vezes se encontra no meio psicanalítico. Esta confusão não se resume exclusivamente ao emprego do termo *gênero* para se referir às identidades de gozo teorizadas por Lacan. Se tais identidades são entendidas como posições mutáveis, oscilantes, transitórias, de um sujeito ante seu(ua) parceiro(a), o que se tem é uma leitura da teoria lacaniana da sexuação como uma *teoria do gênero*, mesmo que não se utilize explicitamente este termo.

Se seguimos essa leitura, a afirmação de Lacan, “não há relação [*rappor*] sexual”, seria invalidada. Para Lacan, não há um *rappor* entre os sexos, ou seja, não há uma *ratio*, uma razão ou uma proporção no sentido lógico-matemático entre os seres sexuados. Uma das formas pelas quais se manifesta esta inexistência de um *rappor* é justamente a assimetria dos objetos que cada um dos membros do casal visa na sua busca do gozo.

Portanto, vocês podem ver o que permite a Lacan essa fórmula de que não há relação sexual, pois não é o corpo da mulher enquanto tal que interessa ao homem, mas esse objeto *a*, o objeto de sua fantasia, que ele lhe empresta. E para uma mulher, da mesma forma, é um objeto preciso do corpo do homem que lhe interessa, e é exatamente por isso que, na relação sexual, os dois

⁶ BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 242.

⁷ TEIXEIRA, M. R. O império do semblante. In: SILVA, J. A. P. *Topologia da fala*. Salvador: Campo Psicanalítico, 2014. p. 177-189.

parceiros tem o sentimento de que sua existência enquanto sujeito não é reconhecida, que não é isso que interessa ao outro.⁸

Dessa forma, insistir na distinção entre a concepção lacaniana e aquela das correntes teóricas baseadas na noção de gênero não é uma mera questão de fidelidade a determinado autor, mas de coerência teórica: ou bem se entende a sexualização como um processo que não diz respeito ao imaginário do semblante – este sendo sua consequência e não sua causa –, mas ao simbólico da função fálica e ao real da não-relação; ou bem se lê o que diz respeito à sexualização como da ordem do *parecer*, do performático, negando qualquer referência ao simbólico e ao real. É possível admitir uma teoria ou outra, mas é contraditório ler uma segundo as premissas da outra.

II - Comentário sobre a primeira aula do *Seminário 20, Mais, ainda: “Do gozo”*

É um consenso entre os leitores de Lacan que o *Seminário 20, Mais, ainda* constitui um momento crucial no seu ensino, momento em que ele retoma o conceito do gozo sob uma perspectiva inaudita. A discussão desse Seminário já começa pelo seu título que em francês, como sabemos, é homófono a *en corps* (*no corpo* ou *em-corpo*). Porém, a questão em torno do termo *encore* não se esgota na referência ao corpo.

O *Petit Robert*⁹ dá os seguintes significados para *encore*: Advérbio de tempo, marcando a persistência de uma ação ou de um estado no momento considerado. Na vertente negativa, marca que isso que deveria se produzir não foi, até o momento, produzido. Advérbio marcando uma ideia de repetição ou de suplemento. E indica as seguintes palavras com sentido análogo: *Toujours* (sempre), *nouveaux* (novo), *autre* (outro), *plus* (mais), *seulement* (apenas).

Em português, a tradução de *encore* é *ainda*, que o Houaiss¹⁰ assim define: Advérbio. 1. Até este momento (presente). 2. Até aquele momento (passado). 3. Agora mesmo; em tempo recente (passado). 4. Até lá, até esse tempo (futuro). 5. Um dia, algum dia (futuro). 6. Além disso, também,

⁸ MELMAN, Charles. *Será que podemos dizer, com Lacan, que a mulher é o sintoma do homem?* Rio de Janeiro: Tempo Freudiano, 2005. p. 25.

⁹ ROBERT, P. *Le Petit Robert: Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris: Le Robert, 1984.

¹⁰ HOUAISS, A. *Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Moderna, 2015.

mais. 7. Ao menos. 8. Mesmo, até, inclusive. No campo de locuções: Ainda agora (há pouco). Ainda bem (felizmente). Ainda que (mesmo que).

Estas definições coincidem em geral com aquelas encontradas em outros dicionários da língua portuguesa, como o clássico *Aurélio*¹¹, que lista: 1. Até agora, até o presente. 2. Até então; até aquele tempo, ou aquele momento. 3. Até lá; até esse tempo (futuro). 4. Até (o momento presente). 5. Um dia; algum dia (futuro). 6. Novamente; de novo; outra vez, mais uma vez. 7. Mais; além disso. 8. Afinal; por fim; finalmente. 9. Em qualquer tempo passado; já, jamais. 10. Precisamente, exatamente; mesmo. 11. Ainda assim; mesmo assim; não obstante. 12. Mais, demais, ademais, também, além disso. 13. Ao menos; pelo menos. 14. Nem; nem mesmo. 15. Mesmo, até; ainda que. 16. Até, mesmo; até mesmo; inclusivamente; inclusive. 17. Além disso; ainda por cima; ainda em cima.

A *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*¹² considera *ainda* como parte do subgrupo dos advérbios de tempo constituído por *já*, *ainda* e *mais*. Acerca desse subgrupo, o autor afirma:

Este subgrupo é o mais complexo; não se refere a épocas, mas a representações do processo na sua duração (aspecto). Pode exprimir graus de proximidade do acontecimento em relação ao momento da enunciação (...), caracterizar o contraste entre consumação (*já*) e não consumação (*ainda*) de um processo (...), ou firmar o contraste entre as etapas inicial e final de um processo (...).

Dentre esses sentidos, aquele que se faz presente nesse Seminário, ministrado ao cabo de duas décadas de transmissão da psicanálise, é sem dúvida o de *insistência*. Mas o que insiste? Primeiramente, o próprio Lacan, com seu Seminário; em seguida o seu público, seus alunos, como ele observa logo na primeira página: “É sem dúvida isto que, com o tempo, faz com que *ainda* eu esteja aí, e que vocês também, vocês estejam aí. Sempre me espanto com isto... *ainda*.”¹³ Mas não é somente o Seminário que insiste, é também o *desejo*, por ser insatisfeito. E, além do desejo, a *pulsão*, que sempre volta a fazer o seu percurso circular porque a satisfação nunca é suficiente, mas, como vimos, um apaziguamento temporário.

Lacan inicia a primeira aula falando sobre o seu *Seminário 7, A ética da psicanálise*: “Me aconteceu não publicar *A ética da psicanálise*.”¹⁴ Parece um começo um tanto estranho. Soler lembra,

¹¹ FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

¹² AZEVEDO, J. C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2015.p. 194.

¹³ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda* [1972-1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008 (3ª edição). p. 09.

¹⁴ Id., *ibid*.

contudo, que o Seminário sobre a ética “(...) é o Seminário no qual, com a questão ética, Lacan introduz a questão do gozo e da relação ao real do gozo; uma vez que, finalmente, é a sua definição da ética. A ética de um sujeito, de um discurso, se define sempre como uma posição no que diz respeito ao gozo; daí porque há várias éticas.”¹⁵

O gozo é retomado no presente Seminário sob uma nova perspectiva. Só para adiantar um ponto que será detalhado nas próximas aulas: Lacan distingue dois tipos de gozo, estabelecendo uma dicotomia entre gozo fálico e gozo do Outro. Mas voltando ao Seminário da Ética, lembremos de passagem que é naquele Seminário que ele afirma: “(...) o gozo se apresenta não pura e simplesmente como a satisfação de uma necessidade (*besoin*), mas como a satisfação de uma pulsão.”¹⁶ O que nos conduz de volta ao tema da pulsão e revela uma primeira tentativa de Lacan de aproximar o seu conceito do conceito freudiano.

Logo em seguida ele faz uma afirmação surpreendente: “E, depois, percebi que o que constituía meu caminhar era da ordem do *não quero saber de nada disso*.”¹⁷ Hein? Como? Colette Soler assinala o caráter surpreendente dessa revelação: “Surpresa! O ‘*Eu não quero saber de nada disso*’ por parte de quem mantém um seminário há vinte anos!”¹⁸ Não satisfeito com essa afirmação, Lacan supõe dois tipos de “*não quero saber de nada disso*”, o seu e o do seu auditório, postulando uma diferença entre os dois. O dele seria o que atrai aqueles que o escutam, “(...) por me suporem partir de outro lugar, que não o de vocês (...)”¹⁹ Quanto à posição dos que o escutam, ele se refere da seguinte forma: “O *não quero saber de nada disso* de vocês, de um certo saber que lhes é transmitido por migalhas (...)”²⁰

Soler comenta esta frase:

Eu não sei como vocês entendem isso, mas tenho a impressão de que podemos traduzir dizendo que o “*não quero saber de nada disso*” – chamemo-lo “básico”²¹ – é o *não quero saber de nada disso* do saber do inconsciente. Esse saber, do qual vocês não querem saber nada e que lhes é

¹⁵ SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore*. Paris, Hôpital Sainte-Anne, oct.1999/juin 2000. Transcrição não relida pela autora. p. 7. [Tradução minha para o trecho citado]

¹⁶ LACAN, J. *O Seminário, Livro 7, a ética da psicanálise* [1959-1960]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 251.

¹⁷ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda...* op. cit., p. 09.

¹⁸ SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore...* op. cit., p. 07.

¹⁹ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda...* op. cit., p. 09.

²⁰ Id., *ibid.*

²¹ No original, “*tout venant*”. (N. A.)

“transmitido por migalhas” é bem uma definição do saber do inconsciente. É um saber que jamais se transmite na sua totalidade, que não faz uma soma e do qual só há pedaços, migalhas.²²

A partir desta distinção entre dois tipos de “*não quero saber de nada disso*” Lacan faz uma afirmação importante: “É mesmo isto que faz com que só quando o de vocês lhes parece como suficiente vocês possam, se são analisando meus, se destacar normalmente da análise de vocês.”²³ Soler destaca a importância dessa colocação de Lacan, apontando que se trata de uma definição a respeito do final de análise: “Dito de outra forma, há uma definição inédita, pouco, muito pouco explorada, do final de análise: o momento em que o sujeito acha que a análise do seu ‘*não quero saber de nada disso*’ é suficiente.”²⁴

A autora comenta também o caráter paradoxal do termo *suficiente*:

A expressão é paradoxal, efetivamente. Ela é muito equívoca, porque nós temos apesar de tudo a ideia – em todo caso, isso faz parte do discurso que nós mantemos neste momento – de que o analisante se detém quando ele começa a saber um pouco, e considera que o saber adquirido é suficiente. Que Lacan nos diga que é o “*não quero saber de nada disso*” que é suficiente, é uma fórmula extremamente paradoxal.²⁵

*

Logo em seguida Lacan aborda o tema central da sua aula: o gozo. Para falar sobre o gozo, ele diz que vai supor o seu auditório na cama: “(...) vou primeiro supor vocês na cama, uma cama de pleno uso, de casal. ”²⁶ Bem, imaginemos que alguém diga que Lacan não está falando de sexo porque, enfim, a cama serve para dormir – mesmo que ele diga que é “uma cama de pleno uso”. Para não deixar nenhuma margem de dúvida acerca do caráter sexual do gozo na abordagem que é feita nesta aula, Lacan acrescenta: “De minha parte, vou partir daquilo que se faz, nessa cama – estreitar-se [*s’êtreindre*]. ”²⁷ Ora, “estreitar-se” é se abraçar apertado ou, popularmente, “se agarrar”, “se pegar”.

Ao contrário de outros momentos em que o próprio Lacan fala do gozo num sentido *negativo*, como gozo que falha, que não se alcança, aqui ele delimita a cama como o *espaço do gozo*. Para

²² SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore...* op. cit., p. 08.

²³ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda...* op. cit., p. 10.

²⁴ SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore...* op. cit., p. 09.

²⁵ Id., p. 11.

²⁶ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda...* op. cit., p. 10.

²⁷ Id., *ibid.*

Soler, esta é a primeira ocorrência em um texto desde o início da psicanálise, desde Freud, de uma referência positiva ao gozo sexual.

Desde o início da psicanálise, não temos *um* texto que se refira ao gozo do ato sexual. Freud jamais falou disso. Freud falou, é claro, desde o início, disso que nós chamamos as *pulsões*. [...] não concluamos muito depressa que o gozo na cama é a mesma coisa que o gozo da pulsão. [...] Efetivamente, Freud escreveu muitos textos sobre a psicologia amorosa; mas para estudar o quê? Era para estudar todas as falhas, todos os sintomas, a impotência masculina, a frigidez feminina, os tabus da virgindade, a ereção impossível, a ejaculação antecipada ou retardada, enfim, tudo que se queira... Freud falou de tudo isso, de tudo que constitui a falha. Mas para nos dizer enquanto *positivo*, o acesso, o gozo ao qual podemos – visto que é uma contingência – aceder no leito, não há uma indicação em Freud, creio eu. Se houver uma, haverá com certeza alguém para me dizer, um dia. Em Lacan, até o momento desse texto, não há grande coisa tampouco, se bem que ele fala, com efeito, do gozo, desde o início.²⁸

Isto já indica que ele vai falar do gozo efetivamente alcançado no ato sexual (e não na relação [*rapport*] sexual, a qual, como vimos acima, é lógica). “Há uma articulação a ser feita: é o gozo que se coordena, digamos, não à relação [*rapport*] sexual que não existe, mas ao *ato* sexual.”²⁹ É importante que uma autora do porte de Colette Soler faça essa leitura porque, por incrível que pareça, há quem pense que pelo fato de Lacan haver dito que não há relação [*rapport*] sexual, o ato sexual não teria a mínima importância para a psicanálise, como se trepar fosse algo sem importância por não ser uma questão “lógica”.

Em seguida, Lacan recorre ao Direito para falar do gozo. Isso pode parecer natural hoje em dia, após décadas de estudo deste Seminário, mas cabe ressaltar o recurso de Lacan a um campo do saber que poderíamos supor muito distante da psicanálise para falar do gozo, o qual ele próprio localiza no corpo. Ele começa dizendo que “O direito não desconhece a cama”, visto que trata do *concubinato*, cuja etimologia, ele lembra, se refere a “deitar junto”³⁰ De fato, *concubinatus* deriva de *concubitus*, que significa “cópula, coito”³¹. Falará então da noção jurídica de *usufruto*, aproximando-a do gozo. Ele lembra que o usufruto significa que você pode dispor de um bem de várias formas, pode gozá-lo, mas sem dilapidá-lo. Me parece que ao mesmo tempo em que ele afirma que há de fato um gozo – o

²⁸ SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore...* Op. cit., p. 17.

²⁹ Id., *ibid.*

³⁰ Id., *ibid.*

³¹ CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

gozo é possível – ele já coloca logo de início a questão do limite ao gozo, limite este que será abordado mais adiante, relacionando-o ao significante.

A referência ao Direito nos remete, além disso, à Lei. Lembremos que no *Seminário 10, A Angústia*, Lacan afirma: “O desejo e a lei são a mesma coisa”³² Ele já havia situado a relação entre a Lei e o desejo no *Seminário 7, A ética da psicanálise*, fazendo referência à famosa epístola de São Paulo. “A relação dialética do desejo com a Lei faz nosso desejo não arder senão numa relação com a Lei, pela qual ele se torna desejo de morte.”³³ Aqui ele teoriza o gozo e não o desejo, mas a relação à Lei não é menos relevante, embora não seja explicitada nessa aula. Voltaremos a esse ponto.

Mas ele não para por aí. Em seguida, afirma que “O gozo é aquilo que não serve para nada.”³⁴ Notem a referência indireta ao utilitarismo, lembrando que Bentham é um autor importante para Lacan no *Seminário 7, A ética da psicanálise*, e que no *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* ele volta a citar a teoria benthamiana das ficções ao dizer que o termo *ficção* seria mais apropriado para se referir ao conceito de pulsão do que o termo *mito*, utilizado por Freud. O gozo que não serve para nada é o oposto do utilitarismo. Ainda mais se compreendemos o utilitarismo como a busca do prazer e o afastamento da dor, pois aquilo que o gozo propicia não é o prazer, mas, como vimos, um excesso da excitação mais próximo da dor do que do prazer.

É nesse ponto da sua aula que Lacan apresenta a frase que irá retomar ao longo do Seminário. É uma frase não muito longa, simples e direta, mas que fala de gozo, Outro, corpo e *last but not least*, do amor. Ei-la: “O gozo do Outro, do Outro com A maiúsculo, do corpo do Outro que o simboliza, não é o signo do amor.”³⁵

Comentaremos esta frase e suas consequências na próxima aula.

³² LACAN, J. *O Seminário, Livro 10, a angústia* [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p.119.

³³ LACAN, J. *O Seminário, Livro 7, a ética da psicanálise* [1959-1960]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p. 106.

³⁴ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda...* op. cit., p. 11.

³⁵ Id., *ibid.*